UMA NOTA DA AUTORA

Este livro destina-se a pessoas com mais de 18 anos. Inclui — mas não se limita a — conteúdo sexual explícito, asfixia erótica ligeira, consumo de álcool, conversas sobre um *ex* traidor e manipulador, morte de membros da família através de sonhos/*flashbacks*, conversas sobre terapia, trauma e como lidar com a tragédia. Por favor, prossiga com este conhecimento. Confio que saiba aquilo com que se sente confortável.

A todas as minhas miúdas que sabem que podem ser mulheres fortes e modernas,
mas que ainda assim se ajoelham sem vergonha como as lindas meninas
que são no momento em que o seu cowboy *lhes diz para o fazerem.*

Alexa... toca a história de amor de

Nash e CeCe



https://open.spotify.com/playlist/703Yprm7IjtgUVEaHvQ4Yk

1. *Wondering Why* — The Red Clay Strays
2. *Wild Ones* — Jessie Murph Feat. Jellyroll
3. *Hey Driver* — Zach Bryan Feat. War & Treaty
4. *Cover Me Up* — Morgan Wallen
5. *Any Man Of Mine* — Shania Twain (Hino da CeCe)
6. *Takin' Pills* — Pistol Annies
7. *Feelin' Whitney* — Post Malone
8. *Holdin' On To You* — Dolly Parton Feat. Elle King
9. *Shake The Frost* — Tyler Childers
10. *Simple Man* — Rhett Walker Band
11. *Jackson* — Johnny & June
12. *Cecilia* — Simon & Garfunkel
13. *Love The Lonely (Out of You)* — Brothers Osborne
14. *Foolin' Ourselves* — Evan Honer



CAPÍTULO UM
CeCe

— Oh, minha querida! Deixaste cair o teu modelador de cabelo! Querida!

Paro imediatamente e olho para a mala que estou a tentar arrastar atrás de mim. O bolso de trás está aberto o suficiente, e a Sra. Danforth — avó da minha melhor amiga — está a chamar-me com a sua voz cantada, segurando o meu vibrador verde-azulado no ar enquanto me persegue pelo átrio da agência de aluguer de automóveis.

O meu rosto aquece instantaneamente e fica num tom ligeiro de cor-de-rosa enquanto me movo rapidamente ao seu encontro, mantendo o meu olhar no chão de mármore imaculado para não ter de encontrar os olhos de demasiadas pessoas que conheço desde a infância.

Penso em rastejar para debaixo do grande balcão branco da receção e esconder-me lá até fecharem este lugar às cinco. Esta é a última coisa de que preciso hoje — o meu voo atrasou-se e chorei como uma bebé no avião porque deixei o meu Kindle no meu apartamento… correção, no meu antigo apartamento. Só quero chegar a casa, vestir o pijama e desfazer as malas, mas algo me diz que não vou conseguir fazer isso. Porque apesar de ser a minha primeira noite em casa, é domingo, por isso sei que vou ser atraída para o Horse & Barrel com a Olivia e a Ginger.

Agarro rapidamente o vibrador das suas mãos desgastadas, enquanto ela se inclina para me dar uma piscadela e um sorriso.

— Disfarcei bem, querida? — sussurra ela.

A minha boca abre-se. *Porra de vida*. Ela sabe o que é.

— Não há nada de que ter vergonha, querida. Uma rapariga tem de fazer o que tem de fazer — diz ela, enquanto me dá uma palmadinha no braço.

Poderá Jesus escolher este momento para regressar? Dava-me mesmo jeito um apocalipse neste momento.

— Obrigada, Avó Dan — murmuro, enfiando as minhas noites de sábado na mala e certificando-me de que a maldita coisa está bem fechada.

— Não te esqueças de dizer olá à tua mãe, CeCe — diz ela, acenando.

Lanço-me em direção à porta, na esperança de que a Ginger esteja à espera do outro lado para me levar na última etapa da minha viagem para casa.

Infelizmente para mim, ela não está, por isso sento-me em frente à agência de aluguer de automóveis e reflito sobre a minha sorte. Cheguei a casa há cinco minutos e já consegui ter um momento embaraçoso. Foi um ótimo começo. Aceito o meu destino e coloco os meus óculos de sol, rezando para que a Avó Dan mantenha a boca fechada.

É uma típica tarde de início de julho em Laurel Creek, no Kentucky. O sol ainda está alto sobre a montanha Sugarland ao longe, e os compradores circulam pela única rua principal da cidade.

Sinto o cheiro dos doces do Spicer's Sweets, o nosso café da moda, e vejo os clientes locais com sacos da nossa *boutique* de decoração de luxo, Jennings Mercantile. É tudo muito pitoresco e parecido com qualquer outra cidadezinha nos EUA.

Respiro fundo o ar fresco da montanha e verifico o meu telemóvel para ver se a Ginger me enviou uma mensagem a explicar porque está atrasada; o que não me surpreende. A Ginger Danforth segue sempre a sua própria rotina. Estou a guardar o telemóvel na mala quando ouço o anúncio, em alto e bom som, de que a Ginger chegou ao centro da cidade. A Dolly Parton a cantar a plenos pulmões nas janelas abertas do seu *VW Bug* branco, que está a dobrar a esquina da rua principal.

Levanto-me e aceno-lhe, e ela encosta, quase subindo o passeio. A minha melhor amiga nunca foi conhecida pelas suas competências de condução.

— Entra, rápido — diz ela enquanto abre o porta-bagagem e olha em redor como se precisasse de fugir de sarilhos, e depressa.

— Voltaste a fazer alguma coisa ilegal? O Cole não consegue livrar-te de problemas tantas vezes — resmungo.

Coloco a minha mala no porta-bagagem e dirijo-me para a porta do lado do passageiro.

— Estás a ver tudo ao contrário, querida. Ter o Cole a prender-me seria uma razão *para* infringir a lei. Aquele homem pode algemar-me quando quiser.

Bato-lhe por causa do comentário obsceno sobre o meu irmão mais velho, que calha de ser o delegado do xerife, e depois sorrio antes de me aproximar para lhe dar um grande abraço.

— *Blhac*… e olá.

Ela sorri para mim e levanta os óculos de sol.

— Muito bem, aperta o cinto, querida. Temos de sair daqui antes que mais alguém na cidade veja essa arma verde-azulada que escondes na tua mala.

Resmungo e ponho a cabeça entre as mãos.

— A tua avó mandou-te uma mensagem assim que eu saí porta fora?

Ela olha para mim como se eu fosse louca.

— Não, ela ligou-me. Porque é que achas que me atrasei? Tive de encostar e rir durante cinco minutos seguidos. — A Ginger pisca o olho e a mortificação apodera-se de mim.

Nota mental: agora estás em casa, onde todos saberão tudo o que fazes antes mesmo de pensares em fazê-lo.

∞

Dez minutos depois, passamos sob os arcos de Silver Pines, o rancho equestre de serviço completo da minha família. Um misto agridoce de paz e luto instala-se nos meus ossos ao ver o logótipo do nosso rancho. A entrada com quase um quilómetro de comprimento, com a vedação branca, tem sempre o mesmo aspeto, aconteça o que acontecer. É o meu refúgio, o meu lugar seguro; e mesmo sem o meu pai, continua a ser o meu único verdadeiro lar e o mais próximo que alguma vez voltarei a

estar dele. Não venho a casa desde que ele morreu em janeiro e a dor não é menos esmagadora agora do que era nessa altura. A velha e enorme casa branca, a «casa grande», surge ao longe.

— Então, voltaste a ter notícias daquele sacana inútil? — pergunta a Ginger, fazendo o seu melhor para me distrair.

— Não na última hora — respondo, suspirando. — Ele só está a reagir mal porque fui eu que o deixei. Como é que me atrevi?! O grande Andrew Waterfield não conseguiu manter a noiva? O que é que os tabloides irão dizer?

A Ginger bufa.

— Ele devia ter pensado nisso antes de enfiar o seu pénis ansioso em todas as mulheres de Seattle com menos de trinta anos.

— Acho que ele percebeu a mensagem de que me vim embora de vez. Embrulhei o meu anel na tanga que encontrei no bolso do casaco dele e deixei-o no meio da mesa da cozinha. — Começo a rir-me e a boca da Ginger abre-se de espanto.

— Sua mazona! — A Ginger abana a cabeça com um sorriso que me diz que está impressionada.

— Eu devia ter percebido antes deste inverno. As noitadas, as viagens, a elite de assistentes que o acompanhavam e aos colegas para todo o lado.

— As pessoas tendem a confiar no homem de quem estão noivas; isto não foi culpa tua.

Aceno com a cabeça e viro-me para deixar o sol bater no meu rosto através da janela.

Em minha defesa, o Andrew é um idiota rico, lindo e manipulador que me arrebatou no meu primeiro ano na Universidade de Washington. Eu queria acreditar no amor verdadeiro, tanto que deixei que ele me cegasse. Foram precisos mais de sete anos e as últimas palavras do meu pai para me ajudar a ver a luz. Finalmente, segui o meu instinto e saí de Seattle e da nuvem tóxica que pairava sobre nós. Tenho apenas vinte e cinco anos; passei os meus anos loucos e selvagens a fazer de futura esposa aristocrata, e agora só quero ver a minha família, divertir-me, encontrar um emprego (espero eu) e respirar.

Quando encostamos à casa e a gravilha estala sob os pneus da Ginger, um milhão de memórias e imagens passam-me pela cabeça. O luto é a coisa mais estranha — atinge-nos com força nos momentos em que menos esperamos. O refrigerante com sabor a baunilha na despensa que o meu pai adorava beber num dia quente de verão com gelo, o velho ancinho encostado à casa que criava os mais incríveis saltos de folhas no outono quando eu era pequena, o baloiço da árvore onde ele me empurrou em inúmeras tardes quentes. A dor incha no meu peito, apoderando-se de mim. Quase que espero vê-lo a sair pela porta da frente, mas sei na minha cabeça que nunca mais o fará.

— Estou em casa, pai — sussurro.

A Ginger aperta-me a mão ao meu lado.

— Ele sabe, querida.



Capítulo Dois
CeCe

— Caramba, querida, parece que não te vejo há décadas — diz-me, da cozinha, a minha mãe, Jolene, também conhecida como Mama Jo.

Ela entra na sala de estar como uma lufada de ar fresco, afastando instantaneamente o meu estado de espírito sombrio. Calças de ganga justas, pés descalços, cabelo à Farrah Fawcett preso para trás com um lenço cor-de-rosa e uma camisola dos Brooks & Dunn aos ombros.

— Deixa-me olhar para ti. — Ela sorri enquanto salta para os meus braços.

Wade, o meu irmão mais velho e mais rabugento, entra pela porta da frente com o nosso velho *golden retriever*. O *Harley* aconchega-se a mim como se eu fosse o seu humano preferido. Estou oficialmente coberta de pelo e baba, mas ele é o cão mais fofo do mundo, por isso perdoo-lhe enquanto o afago atrás das orelhas.

— CeCe Rae — cumprimenta o Wade com a sua voz áspera e firme, acrescentando sempre o meu nome do meio e puxando-me o rabo de cavalo.

— Sargento — retruco com naturalidade.

Ele tem muito sobre os seus ombros — o nosso rancho inteiro, por exemplo, mas isso é-me muito mais evidente agora do que antes. Ele parece-se exatamente com o meu pai e só de ver a cara dele lembro-me de que o meu pai ainda está aqui.

Largo o *Harley* e dou um grande abraço ao Wade. Ele fica um pouco tenso, como sempre. Não é do tipo sensível, mas eu sei que o seu coração está algures debaixo daquele exterior durão.

— Vou buscar as tuas malas; a Mama preparou-te a Stardust. — Ele menciona uma das cinco pequenas cabanas de apoio no nosso rancho, cada uma com o nome de um álbum do Willie Nelson. Spirit, Stardust, Blue Eyes, Legend e Bluegrass.

— Comprei-te roupa de cama nova e está tudo limpo e fresco para ti, querida. Até comida deixei lá.

— Obrigada, Mama — digo, enquanto ela me põe uma madeixa de cabelo atrás da orelha, mantendo as mãos nas minhas faces para me olhar.

A Jolene Ashby ainda é bonita e vibrante aos cinquenta e oito anos e nunca aceita merdas de ninguém. É um verdadeiro espírito livre. Esforço-me por ser mais como ela todos os dias.

— Parece que estiveste a chorar, querida.

Faço o som universal para «hum-hum».

— Então, quantas vezes é que aquele sacana inútil te ligou?

Rio-me da descrição que ela faz do meu ex-noivo e sento-me na ponta do sofá da sala. Ela olha para mim com expetativa, de mãos nas ancas, mas eu não lhe respondo, apenas suspiro porque, neste momento, não estou preparada para falar sobre o Andrew com toda a gente.

— Podes dar-me só esta noite? Prometo que amanhã te conto todos os pormenores. Só quero respirar o ar fresco, desfazer as malas e esconder-me na minha cabana com um livro.

A Ginger surge das sombras da cozinha, nas traseiras da casa, como se o meu plano de ficar em casa a tivesse convocado.

— Oh, não, não queres. — As botas dela batem repetidamente no chão quando ela entra na sala de estar com um copo de chá doce da Mama Jo. — Já disse a toda a gente que estás em casa, não vamos perder o Domingo de Sangria. Podes dormir amanhã, não há tempo para lamentos.

— Quem é toda a gente? — resmungo.

Ela mostra-me um sorriso lindo e perfeito; os seus belos olhos cor de caramelo dançam com malícia e os seus caracóis naturais castanhos

emolduram-lhe o rosto. Ela sempre foi uma das raparigas mais bonitas que já vi na vida real.

— As raparigas, claro. Afinal, é noite de miúdas. — Ela agarra-me o pulso. — Agora vamos lá jantar e preparar-nos. Vais parecer a brasa solteira que és.

Olho para a minha mãe para pedir ajuda, mas ela levanta as mãos como se não quisesse ter nada que ver com o assunto.

— É melhor do que ficares em casa sozinha com o teu vibrador. — Ela ri-se.

— Mãe! — grito, enquanto ela e a Ginger se dobram a rir.

Esta maldita cidade.



Ao fim de duas horas, o serviço de aconselhamento de guarda-roupa da Mama Jo e da Ginger preparou um conjunto que eu nunca, mas *nunca*, usaria em público em qualquer outra altura. Mas, como elas tão eloquentemente disseram, agora toda a cidade sabe que eu tenho «uma reserva pessoal de brinquedos sexuais», por isso mais vale aproveitar a fama.

Há mais roupa espalhada do que este espaço pode suportar. A minha cabana é pequena, quase como um pequeno apartamento, mas esta é a minha preferida porque tem uma grande janela sobre o lava-loiça da cozinha que dá para um dos grandes estábulos da nossa propriedade. E, ao longe, vê-se a montanha Sugarland em toda a sua glória.

A Mama preparou a cabana como se eu vivesse aqui desde sempre — completa com velas decorativas, almofadas e revistas na mesa de centro da sala. Tem apenas um quarto e uma casa de banho com paredes escuras de cabana, mas é perfeita para eu recomeçar.

Antigamente, no nosso rancho, tínhamos cá vários treinadores de cavalos a viver, sobretudo durante os anos de corrida do meu pai. Nos últimos dez anos, temos o Wade a liderar o grupo, por isso duas destas cabanas estão normalmente vazias, agora que o Cole vive na cidade com a minha miúda preferida — a minha sobrinha de sete anos, a Mabel.

Olho-me no espelho de corpo inteiro que mudámos para a sala de estar para este desfile de moda improvisado.

Grunho e resmungo enquanto me pergunto se vou mesmo vestir isto: uma minissaia de ganga escura que estou sempre a puxar para baixo para tentar que chegue pelo menos ao meio da coxa, e uma camisola vermelha rendada da Ginger em que os meus seios mal cabem.

Fui abençoada e amaldiçoada por ter florescido cedo, mas pelo menos agora já tenho corpo para elas. Ajusto as camadas de colares e as grandes argolas de ouro que a Ginger acrescentou. Ela também arranjou o meu cabelo comprido numa massa de ondas e caracóis loiros. Nunca usei tanta laca, nem mesmo no meu baile de finalistas.

— Só precisa de mais uma coisa — diz a Ginger enquanto morde o lábio inferior. — Tira essas sandálias — ordena, levantando um dedo de manicura francesa no ar.

— Não desempacotei mais sapatos…

— Não te metas com a minha criatividade, tira-as.

Ela descalça as suas botas *Lucchese* cor de marfim e atira-as para mim. Partilhamos sapatos desde o sétimo ano.

— Sim! — exclama ela. — Calça estas primeiro. — E atira-me um par de meias altas cor de marfim do meio da minha cama.

— Queres que eu calce as tuas bebés? — pergunto. Ela raramente se separa das suas adoradas botas.

— Sim, esta noite precisas delas mais do que eu.

Faço o que ela diz, calçando-as e virando-me para ver o resultado final.

— Sim! Tal qual a Dolly, querida, se a Dolly tivesse mamas mais pequenas. — Ela pisca o olho e eu atiro-lhe uma almofada do sofá.

— Tal qual a Dolly — murmuro enquanto olho para o meu reflexo no espelho.

A Ginger beija a Mama Jo na bochecha e vira-se para mim.

— Muito bem, prepara-te para uma sangria e decisões duvidosas! — Ela calça as minhas sandálias, enrosca o seu braço no meu e puxa-me porta fora.

O Sol está quase a pôr-se quando entramos no carro e acenamos à minha mãe, ainda no alpendre da minha cabana.

— Adeus, Mama — grito pela janela.

— Divirtam-se, meninas! Quebrem corações, não a lei.

Dou uma risadinha, abanando a cabeça para ela enquanto ligamos o carro e o Jason Aldean soa nas colunas.

Estou tão longe de Seattle e, pela primeira vez desde que tomei a decisão de deixar o Andrew, sinto-me completamente livre.



O Horse & Barrel está cheio de mulheres de toda a cidade e de alguns homens corajosos que não querem perder a sua cerveja depois do jantar. Os domingos de sangria são um ritual em Laurel Creek desde que me lembro. É uma noite para as mulheres, com a melhor música *country* a tocar no sistema de som *vintage*; dançamos, coscuvilhamos e desfrutamos de bebidas baratas, especialmente a sangria caseira. Toda a gente na cidade sabe que, em Laurel Creek, não se deve procurar um bom serviço ao cliente junto de uma mulher às segundas-feiras. É provável que elas ainda estejam um pouco de ressaca.

A multidão não está a desiludir esta noite. O lugar está cheio e eu e as minhas amigas estamos enfiadas no canto do único bar rústico de *cowboys* que Laurel Creek tem para oferecer. Já faz alguns anos que não entro aqui, mas não noto grandes diferenças — além de um piso novo de madeira. Olho em volta e vejo as placas de estanho antigas que adornam toda a parede traseira sobre o palco onde as bandas da casa tocam às sextas e sábados. Garrafas de *Jack Daniels* foram esvaziadas e transformadas em apliques de iluminação sobre as rústicas paredes de madeira escura. Cabinas aconchegantes têm lustres de pouca luz pendurados sobre elas, e no meio do amplo espaço aberto há uma grande pista de dança. Toda a parede leste é um bar com luzes de néon e a mascote da cidade, *Archibald*, o Tigre, no centro, como um grande santuário de néon ao Tigre.

— Alguém me volta a recordar porque é que o tigre gigante está ali pendurado? Assusta-me, é como se estivesse a olhar para mim — pergunta a Avery Pope, a mais recente e mais jovem adição à nossa equipa. Acabei de a conhecer, mas ela é querida e divertida. A Ginger diz-me que se mudou de Lexington para cá há dois meses, para dar aulas de patinagem artística nas instalações desportivas da cidade. Já ouvi tudo

sobre ela. Aparentemente, ela bebe mais do que as outras minhas amigas juntas e eu não tenho dúvidas disso quando a vejo engolir o que resta no copo.

— Bem, ele é um herói — digo. Todos nós gostamos de contar esta história e eu sou uma espécie de especialista oficial depois de ter escrito um trabalho sobre ele no oitavo ano.

— Quando o circo itinerante costumava vir à cidade…

— Tipo, em 1800 e tal — diz a Ginger.

— Sim, 1889 — corrijo. — O *Archibald* perseguiu outro tigre que se soltou do circo… um tigre mais novo, alguns dizem mesmo que era uma cria. A cria estava na linha do comboio e o *Archibald* pressentiu que o comboio se aproximava, pelo que perseguiu o outro tigre e acabou por ser atingido pelo comboio. Reza a lenda da nossa cidade que ele sacrificou a sua vida para salvar a cria. Há uma estátua dele perto do Parque Cave Run.

— Uau… — solta a Avery.

— Sabes que isso é tudo treta, não sabes? — comenta uma voz profunda e uniforme vinda do meu lado. Uma que conheço bem.

Preparo-me e viro-me para encontrar o rosto que sei que está à minha espera.

— Não é — argumento, com uma sobrancelha levantada.

— É sim. Acontece que o *Archibald* era apenas um idiota egoísta que sempre tentou fugir do circo, provavelmente porque tratavam aqueles animais de forma horrível. — Um antebraço tatuado coloca uma mão-cheia de guardanapos no centro da mesa e reparo no número dez, em numeração romana, incorporado em trepadeiras de madressilva que desaparecem na sua manga de flanela enrolada. — De qualquer modo, ele fugiu uma noite e estava sozinho quando o comboio o atropelou. A história de «salvar uma cria» foi inventada para o fazer parecer um herói. Boa publicidade. Mas nada disso aconteceu de facto.

Eu e a Ginger suspiramos.

— Como te atreves? — diz a Olivia Sutton, a minha outra melhor amiga e a última parte do nosso trio de toda a vida. — Afasta-te da nossa mesa com essas mentiras e para de manchar a história da nossa cidade, Nash Carter! — Ela abana-lhe um dedo.

Ele ri-se da Olivia antes de responder.

— Muito bem, eu ia trazer-vos isto, só para dar as boas-vindas à Rae, mas acho que vou oferecer a outra mesa, então. — O Nash segura um jarro fresco da melhor sangria nas redondezas, sorrindo para nós e, porra, se ele não é o espécime de homem mais devastador que já vi. Sempre foi, mas a sua aparência é ainda mais perfeita do que me recordo e o pior é que ele *sabe* disso. Ele usa isso em seu benefício e eu, por exemplo, já tive o suficiente de homens assim nesta vida.

— Não, não, não — diz a Ginger, mostrando-lhe um sorriso largo. — Não precisas de ir embora; tenho a certeza de que podemos chegar a um acordo. Acho que todas as histórias podem ter dois lados. Vamos considerar a tua versão da história do *Archibald*. Obrigada por nos trazeres um jarro… por conta da casa, Nashby? — Ela pisca o olho e dá-lhe uma palmadinha no antebraço, tratando-o por uma fusão do seu primeiro nome com o meu apelido. Ele é como que o quarto filho dos meus pais e tem-no sido desde que era adolescente.

Ele acena com a cabeça e coloca o jarro na mesa.

— O prazer é meu, meninas. Divirtam-se. Avery, vemo-nos amanhã.

Ela sorri para ele e acena com a cabeça, mantendo um ar inocente.

— Claro que sim.

Olho para o seu cabelo comprido e escuro, figura de patinadora, pequena, mas forte, pele bronzeada e olhos cor de azeitona. Ela é bonita e jovem e ainda não sabe que ele provavelmente só a vai usar até se fartar. Decididamente, ele anda a comê-la.

O Nash põe uma mão no meu ombro e inclina-se antes de falar.

— É bom ver-te, Rae — diz ele no seu tom de tenor profundo. Os seus olhos ligam-se momentaneamente aos meus, enquanto me dá um aperto suave que me faz derreter.

Observo-o por cima do ombro enquanto ele se afasta, tentando perceber o que se está a passar. Nash «O Foguetão» Carter — recordista de golos, vencedor da Taça Stanley, estrela de hóquei preferida em Laurel Creek e o melhor amigo do meu irmão Wade — trabalha agora como *empregado* no Horse & Barrel?

— Sei o que estás a pensar. — A Olivia inclina-se sobre a mesa. O seu cabelo cor de cobre cai-lhe em volta dos ombros, e os seus lábios

cor-de-rosa brilhantes esticam-se num sorriso. — Ele tem ajudado o Rocco Pressley desde que se aposentou e voltou para cá em abril. O Rocco já não o consegue fazer, mas também não consegue deixá-lo. O Nash nem sequer é pago. Aparentemente, ele não consegue ficar quieto.

— Eu não ouvi isso — digo, desinteressadamente, enquanto me deixo levar pela visão do Nash do outro lado do bar. Ele é ofensivamente lindo. Admito-o. Tudo nele é ameaçador e grande. Com mais de 1,90 m, ele é 30 cm mais alto do que eu. É do tipo robusto, com cabelo escuro ondulado, barba por fazer e um maxilar largo. Parece que devia estar recostado numa cadeira de madeira, a fumar um charuto na sua camisa de flanela e calças *Wranglers*. A sua forma musculada e altiva sempre foi tão perfeita. Desde os dias em que jogava hóquei com os meus irmãos ou em que carregava feno, sem camisa, aos dezoito anos, no nosso rancho, enquanto eu o observava da janela do meu quarto. No entanto, parece que os seus anos na NHL lhe afinaram o corpo até atingir proporções quase divinas, a julgar pela forma como os seus braços estão a testar os limites da sua camisa neste momento. Reparo que adicionou ainda mais tinta à sua pele desde que o vi brevemente em janeiro, no funeral do meu pai. Trepadeiras saem do colarinho da camisa e sobem-lhe pela lateral do pescoço. Os olhos do Nash encontram os meus do outro lado da sala por uma fração de segundo antes de eu desviar o olhar. Eles sempre me atraíram, aquele cobalto profundo e intenso. Transformam-me numa completa idiota sempre que se concentram em mim.

Não há dúvida de que o Nash Carter é incrivelmente lindo, mas sempre teve a atitude de um irmão mais velho convencido que me tratava como uma miúda chata e me atormentava desde que me lembro — pelo menos até eu ir para a faculdade. Estava sempre a aparecer em nossa casa com uma rapariga diferente a cada dia, curtindo com elas no sofá da sala quando os meus pais não estavam em casa, sem se importar absolutamente nada com o vómito que aquilo me causava. Mais recordações inundam a minha mente: ele comia todos os *snacks* da nossa casa, fazia churrascos com os meus irmãos antes dos jogos de

futebol, puxava-me o cabelo, tirava-me o chapéu da cabeça e ajudava os meus irmãos a pregarem-me partidas.

Já lá vai muito tempo, mas quando o vejo a exalar a mesma confiança e carisma ao falar com os clientes do bar, enquanto ajusta o seu boné dos Dallas Stars, sei que continua igual.

O Nash Carter é uma superestrela convencida, mulherengo — o tipo de homem de que acabei de fugir, atravessando metade do país.



CAPÍTULO TRÊS
Nash

A última coisa que esperava ver a meio da minha típica noite de domingo era aquele clarão de cabelo cor de mel. Ninguém tem o cabelo dela, nem sequer é loiro, é da cor do próprio Sol. Mas aqui está ela. A CeCe Rae Ashby, crescida e com a minissaia mais curta e justa que este bar já viu. Uma saia que me faz pensar em arrastá-la pela porta das traseiras e atar-lhe um casaco à cintura, porque não só eu reparei nela, como todos os outros homens deste sítio.

Felizmente, na noite de miúdas, os homens são poucos e estão espalhados, por isso posso dar conta deles se algum se exceder com ela.

Relembro como estava a sua cara em janeiro, a última vez que a vi, enquanto corto limões e limas atrás do balcão. Nessa altura, estava tão triste e pálida. Os olhos inchados e cheios de lágrimas, um vestido preto comprido de lã e o cabelo num puxo apertado. O funeral do pai dela. Eu só podia ficar na cidade uma noite, porque tinha o fim de semana All-Star a começar em Nashville no dia seguinte. Mas tinha de estar presente para a família quando o Wyatt morreu, pelo menos durante a maior parte do tempo. Todos eles sempre estiveram lá para mim, até a CeCe.

Tirando esse dia, há pelo menos cinco anos que não a vejo, mas não importa o tempo que passa, volto logo a ser protetor — tal como quando ela era mais nova. Foi preciso sermos os três rapazes a tomar conta dela quando se tornou adolescente. Ela continua a ser uma daquelas

raparigas que não compreendem a sua própria beleza e isso torna-a ainda mais atraente para todos os homens nesta sala. E por razões que não compreendo, também não consigo tirar os olhos dela esta noite.

A última coisa de que preciso numa noite de miúdas ocupada é fazer de guarda-costas da CeCe, mas se ela está cá, é natural que aconteça, por isso suponho que vou acrescentar isso à minha lista de tarefas.

Olho para a grande fotografia emoldurada de metade da cidade, neste mesmo bar, com a Taça Stanley que trouxe para casa há três anos. Os habitantes locais adoram ter um jogador de hóquei da cidade natal, mas isso significa que tenho de estar sempre a jogar. Às vezes é cansativo, mas tento não me queixar; se tudo o que tenho de fazer é dar uns autógrafos e oferecer bebidas baratas para manter vivo este centro da cidade, eu faço-o. Esta cidade sempre foi boa para mim, e vê-la prosperar dá-me alguma tranquilidade — algo que não tenho muito.

Mantenho-me ocupado a servir uísques e a misturar jarros de sangria, enquanto a CeCe se pavoneia para a pista de dança, uma hora mais tarde, com a Olivia e a Ginger — *Os Demónios de Charlie*, era o que eu e os rapazes Ashby lhes costumávamos chamar, depois de as termos safado de todas as situações imagináveis. Ir buscá-las embriagadas a festas quando andavam no secundário, assumir as culpas quando fumavam erva e quase incendiavam a casa a fazer panquecas. Estas raparigas eram um trabalho a tempo inteiro. Pergunto-me, enquanto limpo o bar, porque é que a CeCe está cá. Da última vez que ouvi falar dela, ela estava noiva de um advogado famoso em Seattle.

Não consigo deixar de sorrir enquanto a observo. Ela parece estar o mais longe possível de Seattle neste momento, depois de três copos de sangria, e com o Morgan Wallen nas colunas. Ali na pista de dança, ela é toda sulista e toda Kentucky. Reabasteço os copos no bar enquanto *Man! I Feel Like a Woman*, da Shania Twain, começa a tocar e a multidão enlouquece. É o raio do hino delas.

Recordo a CeCe com aparelho nos dentes e uma longa trança a dançar na sala de estar dos Ashbys ao som da digressão Rock This Country, da Shania. Não posso deixar de sorrir com a memória; mal entrava no ritmo, chocava com algo desajeitadamente e soltava um palavrão.

— Estás a sentir-te social esta noite? — pergunta o Asher, o *barman* de fim de semana, sabendo que isto é fora do comum. Veio de Nova Iorque para dirigir os Bombeiros de Laurel Creek e trabalha aqui desde antes de eu ter chegado a casa e ter começado a ajudar aqui. Não sei dizer porque é que ele trabalha nos fins de semana de folga, mas é calmo, está sempre sóbrio e tem um ar assustador, o que ajuda a manter as coisas na linha quando está a servir no bar. Sorrio para ele. Por norma, venho aqui e verifico as coisas periodicamente, mas trabalho sobretudo no escritório do Rocco, que começa a parecer o meu escritório, aos domingos à noite. Claro que ele é um daqueles homens que reparam em tudo, provavelmente é por isso que é um bom bombeiro.

— Sim, só estou a deitar um olho à irmã mais nova do Wade e do Cole Ashby.

Aceno na direção dela e o Asher olha para as raparigas.

— Então é a CeCe Ashby, não é? — Ele olha para ela de uma forma não ameaçadora, mas irrita-me na mesma. Não consigo perceber o tipo, mesmo depois de quatro meses a trabalhar com ele, por muito que tente. — Bem, detesto ter de te dizer isto, mas todos os homens aqui estão de olho nela. Nada como um sorriso novo e bonito para chamar a atenção de homens bêbedos.

Cerro os dentes e olho na direção dela. Pondero a opção de arrastá-la para fora e atirar-lhe um casaco para cima enquanto desvio os olhos, tentando não reparar na forma como a sua cintura se curva até à parte inferior das costas e na forma como o seu cabelo longo e espesso se encontra com ela. Não há dúvida de que, agora, ela não parece desajeitada enquanto se balança ao som da música. Como o tempo passa.

Quando estou prestes a voltar para o escritório para me impedir de me sentir um pervertido depravado, surge um pandemónio no meio da multidão e os nossos *Demónios* residentes estão no centro de tudo, obrigando-me a ir para a pista de dança.

— Tens sorte de eu não te arrancar esse sorrisinho malicioso da cara, Gemma — ouço a CeCe gritar quando me aproximo; o seu sotaque sulista está completamente de volta. O fogo do Kentucky surge nos seus olhos de esmeralda, enquanto a Olivia a segura.

— Que tipo de mãe diz à filha que a vem ver e depois desiste da sua única noite juntas para ir a *um bar*?

— Diz a gaja na cabina ao meu lado a emborcar o seu segundo jarro — ironiza a Gemma.

A Gemma é uma verdadeira peça e é a ex-mulher do Cole. Basicamente, ela deixou a Mabel com o Cole a tempo inteiro nos últimos dois anos, enquanto revisita a sua juventude. Ter estas duas juntas e alguns jarros à mistura é uma má ideia.

— Eu não tenho uma filha fantástica com quem poderia estar a passar tempo, mas *tu* tens.

— Vá lá, querida, ela não vale a pena. — A Ginger inclina-se para o ouvido da CeCe. — Deixa-a ter pena de si mesma e chafurdar nos seus sonhos desfeitos. Ela não passa de uma vadiazinha inútil que traiu o Cole com metade da cidade. — A Ginger põe uma mão no ombro da Gemma. — Não é verdade, querida? — A Ginger sorri docemente, mesmo antes de a Gemma se atirar a ela.

Foda-se.

É uma agitação de unhas e cabelos compridos, enquanto me atravesso mesmo no meio e tiro a Ginger e a CeCe de cima da Gemma; e o Victor, o segurança, segura a Olivia.

— Vou ter de chamar a polícia, meninas. Céus, é a tua primeira noite de volta, Rae, e já estás a meter-te em merdas.

— Por favor, liga ao Cole, chama esse jeitoso mal-humorado. — A Ginger ri-se enquanto eu reviro os olhos.

— Foi ela que começou. — A CeCe aponta para a Gemma, e eu sorrio. Uma protetora feroz do irmão e dos danos que a sua primeira e única mulher lhe causou.

— Que estás a fazer aqui, CeCe Rae? O teu advogado famoso percebeu que és demasiado parola para ele? — resmunga a Gemma, com a mão na anca.

A CeCe atira-se a ela. Desta vez, faço justiça com as minhas próprias mãos e atiro a CeCe por cima do meu ombro, enquanto digo ao Victor e ao Asher para tirarem a Gemma e o seu grupinho daqui. Tapo o rabo da CeCe com a minha mão para que ninguém veja por baixo da saia dela. Parece que, afinal, vou ter de a arrastar daqui para fora.

— Nash Everett Carter, põe-me no chão agora mesmo. Vou dar uma tareia àquela vadia pelo que ela disse sobre o Cole.

— Acalma-te, ó matadora, não vais fazer nada disso. — Eu rio enquanto atravesso a porta do meu escritório e a deixo cair na cadeira de cabedal em frente à minha secretária. O cabelo dela cai-lhe sobre os ombros e o seu peito está a arfar com a fúria induzida pelo álcool.

— Um par de copos de sangria e voltas a ser uma criança selvagem, Rae? — pergunto, cruzando os braços sobre o peito.

— Ela magoou o Cole, ela magoou a Mabel. Deviam expulsá-la do vosso bar.

Inclino-me para a olhar nos olhos e tento acalmá-la. Agarro os pulsos dela nos braços da cadeira.

— Já o fiz, mas vais ter de te habituar a vê-la se ficares em casa além deste fim de semana. Ela trabalha no salão de cabeleireiro e está cá todos os domingos. Normalmente é pacífica — acrescento.

A CeCe olha para mim; os seus olhos estão cheios de algo que não consigo identificar.

— Vim para ficar.

A Ginger e a Olivia entram de rompante, rindo descontroladamente.

— Como nos velhos tempos, Nashby. — A Ginger dá-me uma palmadinha no ombro.

Abano a cabeça para ela. Esta pequena perturbadora de merda é sempre o rastilho e a CeCe sempre a apoiou, e depois é apanhada no fogo cruzado.

— Se chamas «velhos tempos» a causar todo o tipo de problemas, então sim, tal como nos velhos tempos…

— Sempre, é a única maneira de viver, querido — responde ela.

Com as mãos nas ancas, olho para cima e solto um suspiro antes de me voltar para a CeCe, ainda sentada na cadeira.

— Consegues voltar lá para fora e manter a paz, Rocky?

Ela estreita os olhos para mim.

— Desde que o lixo tenha sido deitado fora, sim. — Ela levanta-se e arranja-se enquanto se inclina para mim. O cheiro a morangos e a champô invade-me.

— Sê um bom rapaz e manda-nos mais um daqueles jarros por conta da casa… está bem, querido? — Ela bate com uma mão perfeitamente cuidada na minha bochecha e isso envia uma corrente inesperada diretamente para o meu pénis.

A irmã mais nova do Cole e do Wade, a irmã mais nova do Cole e do Wade, repito na minha cabeça. Aparentemente, o meu pénis não percebeu que isso é um sério «não».

— Vou já tratar disso, meninas — digo sarcasticamente, tirando a mão dela da minha cara e conduzindo-as para fora do meu escritório e de volta para a multidão.

Volto para o bar, a abanar a cabeça. Nunca há um momento aborrecido com os *Demónios*!

— Manda outro jarro para aquela mesa, mas metade do vinho e do *brandy*. — Dou uma palmadinha nas costas do Asher e ele acena com a cabeça.

— Claro que sim, chefe.

Os meus olhos seguem a CeCe até à pista de dança. A forma como ela se move ao som de *Vice*, da Miranda Lambert, faz-me ficar atrás do balcão como um velho tarado a observá-la.

Caramba. Veio para ficar?

Vou precisar de ficar um pouco mais insensível à CeCe Ashby. Neste momento, ela representa um turbilhão de coisas, mas as duas que mais se destacam são o facto de ela ser estupidamente bonita e estar completamente fora dos limites.



CAPÍTULO QUATRO

CeCe

— Então ele estava demasiado ocupado? No Natal? — O rosto do meu pai é gentil, mas a sua testa está franzida, como se o peso da minha felicidade estivesse nos seus ombros.

— Sim, ele tem dois clientes que estão a tratar de um acordo neste momento e teve de ficar para trás para se reunir com eles.

— E não há planos para marcarem uma data de casamento? Estava à espera de levar a minha filha ao altar antes de chegar a minha hora.

— Pai.

— Desculpa, querida, mas sei que o meu tempo é limitado e quero saber… aliás, preciso de saber que estás feliz. És a coisa mais importante do mundo para mim. Preocupa-me que não estejas a ter o que mereces, que é toda a felicidade que o teu coração pode conter.

Dou-lhe uma palmadinha na mão.

— O Andrew ama-me.

— Mas será que te ama o suficiente? Um homem deve estar lá para ti, não importa o que aconteça, nem que chovam canivetes.

Rio-me do velho ditado.

— E lamento, querida, mas reunir-se com alguns clientes não é exatamente uma adversidade, se é que é mesmo isso que ele ficou a fazer.

Deixo as lágrimas deslizarem pelas minhas faces enquanto aceno com a cabeça. Como é que o meu pai sabe sempre? Há meses que não me sinto feliz. Tenho a forte sensação de que o Andrew anda a trair-me. E quando chegar a casa, vou estar muito

atenta para ver se tenho razão, mas não posso dizer nada agora. A última coisa que quero fazer é causar stress *ao meu querido pai, sobretudo agora.*

— Promete-me uma coisa, CeCe Rae. — Olho para o seu rosto pálido, um fantasma do rosto que costumava ter, um fantasma do homem que costumava ser. O cancro arruinou-o, mas o tratamento experimental no outono deu-nos este último Natal com ele e, por isso, estou muito grata.

Reprimo um soluço e enxugo as lágrimas.

— Qualquer coisa — digo.

— Não te contentes, querida. Encontra um homem que mova céus e terra por ti. Um homem que saiba o teu valor. Deves ser todo o seu coração, sempre.

— Prometo — digo, enquanto seguro a sua mão.

— Cecilia Rae Ashby, levanta-me esse rabo de merda!

Os meus olhos abrem-se, esperando ver o teto do meu quarto em Seattle. No momento em que se abrem, a dor inunda-me a cabeça.

— Ai… — gemo.

— Sim, imagino. Jesus Cristo, CeCe. Em casa há menos de vinte e quatro horas e até agora já conseguiste chocar a cidade inteira com a tua… engenhoca eletrónica — *Oh, céus!* —, quase foste expulsa do Horse & Barrel, *e* meteste-te numa briga com a mãe da minha filha. Que vais fazer hoje? Pegar fogo à Câmara Municipal? Empurrar o Grady Thompson para a frente de um carro no seu caminho para tomar café no Spicer's Sweets? Não posso salvar-te sempre a pele, sabes? Está na altura de cresceres um pouco.

— Cole… para de gritar comigo… A minha cabeça… — imploro quando abro um olho e vejo o meu irmão mais velho, o filho do meio da nossa família, chateado como o caraças, acima de mim. Grande e responsável, com as mãos nas ancas, como se estivesse prestes a repreender-me da mesma forma que repreenderia a Mabel se ela se portasse mal. — És assustador assim — murmuro enquanto enterro a cabeça na almofada.

— Ótimo. Talvez aprendas a comportar-te da próxima vez. Não vais dormir, não enquanto eu estiver aqui. Levanta-te.

Volto a resmungar.

— Ouvi dizer que ontem à noite tu e as tuas amiguinhas acabaram com a sangria do Horse & Barrel.

Maldito Nash. Estou demasiado ressacada para isto.

— Água. Preciso de água — murmuro.

— Estou aqui para pendurar os cortinados e para te instalar. Pus água e Tylenol na tua mesa de cabeceira. Levanta-te e limpa este lugar, por amor de Deus, rapariga.

— Obrigada, Cole.

— Não tens de quê, parvalhona. — Os seus olhos escuros suavizam-se. — Mas ainda bem que estás em casa — grunhe ele.

E eu sorrio para a almofada. Sou a única pessoa na Terra, além da Mabel, com quem ele não consegue ficar zangado.

Bebo a água, tomo o Tylenol e deito-me na minha cama, a ouvir o Cole a martelar. Passados trinta minutos, já não me dói abrir os olhos.

Levanto-me com relutância e visto o meu roupão fofo de lã por cima do pijama.

O Cole já está a trabalhar arduamente para nivelar a minha prateleira de livros quando eu saio para a cozinha a esfregar os olhos.

— Espero que hoje estejas a planear desfazer as malas e limpar; parece que passou por aqui um ciclone.

Olho para a minha sala de estar e vejo as dez roupas diferentes da noite anterior espalhadas pelo meu sofá.

— Sabes, eu não sou uma criança. O Nash não precisava de me chibar.

— Ele só estava a olhar por ti, CeCe — responde o Cole.

Claro.

O Cole esfrega a cara com a mão.

— Ele disse que teve de parar de vos servir ontem à noite.

— O Nash Carter não é exatamente um santo. Eu bebi uns cinco copos. É o açúcar que me faz sentir mal. Não posso evitar que ele faça a sangria mais doce das redondezas.

— Claro… deve ter sido o açúcar — comenta o Cole, a rir.

— Tanto faz. O Nash a julgar-me… Diz o roto ao nu!

— Ele não estava a julgar-te. Estava preocupado contigo. Ele não sabia que tu e o Andrew tinham acabado. Queria que eu soubesse, para me certificar de que estavas bem esta manhã. Ele mudou, CeCe. Ficarias surpreendida.

Eu rio e respondo-lhe com um «está bem».

— Só acredito quando vir — declaro, enquanto prendo o cabelo num rabo de cavalo. — Vou tomar o pequeno-almoço à casa grande para não ter de aturar os teus gritos. Volto antes de acabares com a prateleira. — Esfrego a cabeça.

— Precisas de alguma coisa para absorver todo esse álcool? — O Cole sorri para mim, mostrando-me as suas covinhas e o seu sorriso contagiante.

— Cala-te. Foi só uma noite.

— Esperemos que sim, a última coisa de que preciso é que, no próximo encontro de mediação, a Gemma diga que a minha irmãzinha lhe deu uma tareia.

— Desculpa. Ela disse umas coisas… não a vou deixar falar assim de ti.

— O que é que ela disse? — A sua curiosidade está agora aguçada.

— Que eras bom para sexo, mas que só te preocupavas com a Mabel e que nunca serias capaz de fazer uma mulher verdadeiramente feliz.

As sobrancelhas dele relaxam com as minhas palavras e o seu sorriso largo e cheio de covinhas forma-se enquanto fala.

— Se é isso que ela acha, não me importo. Eu tenho o melhor, tenho a Mabes. — Ele aproxima-se e põe uma mão no meu ombro. — Acabaram-se as lutas de bar, percebeste?

Aceno com a cabeça como uma criança.

— Está bem, prometo. E a Ginger diz olá. — Eu sorrio.

— A porra da Ginger. Já reparaste que sempre que te metes em merdas, estás com ela? Talvez possas sair com alguém diferente e ter calma no Domingo de Sangria, sim?

— Obrigada pelo conselho. Vou esquecer aquela vez em que chegaste a casa de *boxers* e descalço depois do casamento do Jason Handler — brinco.

— Foi há dez anos, deixa-me esquecer isso! — Ouço-o exclamar enquanto passo pela porta da cabana.

A casa grande está bastante sossegada quando entro; consigo ouvir uma canção do John Prine vinda da cozinha. É aí que encontro a

minha mãe com calças de ioga vestidas e o cabelo num longo rabo de cavalo loiro, semelhante ao meu.

— Bom dia, Mama Jo — digo.

— Bom dia, querida. — Ela vira-se para olhar para mim por cima do ombro. — Ufa… estás com cara de quem fez escolhas pouco sensatas.

Respondo com um grunhido.

— Estou a fazer *bacon* e ovos, achei que ias precisar depois da noite passada.

Sirvo-me de uma chávena de café fumegante.

— Por favor.

Sento-me na ilha da cozinha no momento em que o meu telemóvel começa a tocar. Ponho a cabeça entre as mãos. É a segunda chamada do dia do Andrew e ainda só são nove da manhã. Silencio-o e bebo o meu café.

— Mais vale enfrentá-lo, ou ele nunca mais desaparece. Não podes evitá-lo para sempre. Diz-lhe que é um idiota que não serve para nada — sugere a minha mãe enquanto frita o *bacon*.

O meu telemóvel volta a piscar silenciosamente antes de eu poder ligar de volta.

— Está bem! — Desisto e levanto-me com o telemóvel. — Vou atender no alpendre.

— Leva o *Harley* contigo, põe-lhe a trela, senão ele foge quase até ao campo a norte, e não demores; estará tudo pronto dentro de quinze minutos, mais ou menos.

Mal as palavras saem da boca dela, o *Harley* já está ao meu lado a olhar para mim com expetativa. Prendo-lhe a trela na coleira enquanto atendo a chamada do Andrew, colocando o telemóvel entre a bochecha e o ombro.

— Andrew — digo, enquanto acompanho o cão até à porta.

— Não podes evitar-me para sempre, Cecilia. Já te fizeste entender. É altura de voltares para casa.

O sol quente do início de julho bate-me na cara enquanto me dirijo para o amplo alpendre da frente, fazendo malabarismos com o *Harley* e o meu café.

— Eu não vou voltar, Andrew. Acabou-se tudo entre nós. — Mantenho a voz calma e uniforme.

— O raio é que não vais. Nós temos uma vida aqui, amigos, estamos noivos, por amor de Deus.

Estou quase a perder a cabeça quando a trela do *Harley* se enrola no meu tornozelo e eu, ainda de pijama, caio desamparada. O meu telemóvel e o meu café voam; felizmente a maior parte do líquido escaldante atinge a relva e não a mim.

— *Harley*! — grito quando ele se desembaraça do meu aperto e se põe a andar pelo quintal. Tento sentar-me, mas sinto-me tonta. *Será que bati com a cabeça? Sim, de certeza que sim.*

— Por amor de Deus, Rae, estás bem? — A voz profunda e familiar do Nash é apressada quando se aproxima de mim. Braços fortes agarram-me por baixo e puxam-me para uma posição sentada. — Bateste com a cabeça? — Sinto a mão dele a pressionar suavemente o meu crânio à procura de danos. Os seus dedos grandes são agradáveis e quentes.

— Acho que sim, mas não com muita força… — murmuro, perguntando a mim mesma de onde raio terá saído o Nash Carter para estar no meu relvado às nove da manhã.

— Cecilia? — Ouço os gritos abafados do Andrew do meu telemóvel na relva.

O Nash pega no telemóvel com o rosto sombrio e o maxilar tenso, enquanto os seus olhos se fixam nos meus.

Um chapéu de *cowboy* esfarrapado, calças de ganga e arreios na relva dizem-me que ele está aqui a ajudar o Wade com os cavalos esta manhã.

— Ela vai ter de te ligar mais tarde, amigo — diz ele, e depois desliga o telemóvel na cara do Andrew.

Caramba, o *cowboy* Nash é uma brasa.